

Ética e Educação Física no Mesmo Jogo. Um Desafio Possível.

Luiz Felipe Valladão e Claudio Mendonça¹

Em tempos modernos, um dos objetivos educacionais que se mostra mais desafiador nos parece ser o de ensinar e educar valores éticos. Para muitos, isto se transformou no que classificam como quimera ou utopia pedagógica, quando se leva em conta a realidade de “chão de sala de aula”, como bem se diz em analogia à expressão “chão de fábrica”.

E é, por isto mesmo, o tema que pretendemos abordar aqui: a formação de cidadãos conscientes, humanistas, transformadores, solidários e ambientalmente responsáveis.

De fato, não é missão de fácil envergadura. Os obstáculos são muitos e parecem intransponíveis. Como imaginar discutir a Carta de Direitos Humanos ou os artigos que tratam de Direitos Fundamentais na nossa Constituição, quando os jovens vivem um dia a dia de individualismo, as oportunidades lhes são negadas e é bombardeado de informações relatando corrupção, violência e desprezo pela vida.

De forma mais sistemática, podemos nos valer de alguns paradigmas da sociedade à guisa de ilustração reflexiva: A idolatria a pessoas que aparentam ganhar dinheiro fácil no campo das artes e dos esportes, e vivem uma vida de ostentação vazia, onde o modelo de felicidade propagado é o do consumo exuberante, tanto das coisas, como das gentes; a ausência de exemplos de condutas, no entorno do jovem, que expressem valores humanos (não é eficaz desenvolver as humanidades através de palestras, o caminho é o das atitudes, dos exemplos vivenciados); a desarticulação da escola com o arcabouço cultural dos estudantes o que produz isolamento e a falta de estrutura das unidades para tratar os Temas Transversais, com a abordagem e a estratégia adequadas, sem perder de vista os conceitos do Protagonismo Juvenil.

O que nos parece uma alternativa interessante diante deste quadro desolador, por outro lado, seria repensar parte das atividades e mesmo do que se entende como currículo da disciplina de Educação Física. Não estamos propondo, de forma alguma, suprimir os objetivos cognitivos relacionados ao desenvolvimento motor, ao condicionamento físico, ao pensamento estratégico e outros que já se constituem no que podemos chamar de cotidiano finalístico que embasa as atividades escolares relacionadas a esta matéria.

A bem da verdade, não temos sequer a pretensão de estar inovando, já que tratar de ética na dimensão da Educação Física, vem sendo proposto ao magistério, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs da disciplina, formulados nos anos 90.

¹ **Luiz Felipe Valladão** é Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira (1990); bacharelado em Direito pela Universidade Cândido Mendes (2001); Especialização em Capacitação Continuada em Esporte Escolar, Universidade de Brasília, UnB. Professor de Educação Física na Rede Municipal de Educação do Município de Niterói - RJ desde 2006. coordenador da disciplina de Educação Física Fundação Municipal de Educação do Município de Niterói - RJ 2010 a 2014. Assessor de Esportes Educacionais no Município de Niterói - RJ. desde 2014 a 2016. Professor de Educação Física na Rede Estadual de Educação - RJ desde 2006.

Claudio Mendonça é advogado, constitucionalista e administrativista, formado pela UERJ. Escritor, é especialista nas filosofias: Antiga, Contemporânea e da Diferença. Foi Secretário de Educação do estado do Rio de Janeiro (1993-1994 e 2004 a 2006).

E é importante diferenciar, que quanto aos chamados Esportes de Rendimento (formação de atletas), estes são de competência de escolas vocacionais e dos órgãos de governo responsáveis por tal questão, tais como as Secretarias de Esportes.

O que nos parece estimulante, no tocante ao desenvolvimento de estratégias formativas de valores humanos são exatamente as possibilidades que a prática do esporte oferece quando se pensa na questão da diversidade, das relações de gênero, do entender a razão das regras e cumpri-las, o jogo justo e limpo, a valorização da vitória por mérito, o respeito no plano das relações humanas.

A historicidade do esporte no Brasil, sendo mais específico a do futebol que é o exemplo mais frequente, acabou por criar um paradigma de heroísmo, onde os fins invariavelmente justificam os meios. Não há limite. O bordão, “ganhar da Argentina com gol de mão é ainda mais gostoso”, já percorreu nosso país de sul a norte.

Não faz muito tempo, assistindo a um jogo da Copa do Mundo, havia um atacante correndo, sem marcação, em direção ao gol com imensa chance de lançar a bola nas redes. O goleiro, não titubeou, deu uma pernada no jogador adversário, tão forte, que o atleta, por pouco não encerra a carreira por lesão irreversível. E o pior: o comentarista elogiou a atitude com entusiasmo: - “Fez muito bem, foi inteligente o goleiro, porque agora é pênalti e há chance de defender, de outra forma seria gol na certa.” Como assim? Que tipo de jogo é este? O que uma mensagem como essa, passa para a sociedade, em especial os jovens?

Nada mais comum nos países do nosso continente, do que verificarmos a tentativa, não raro deslavada, de “cavar” uma falta, gritando e rolando no gramado. E logo após o árbitro, induzido a erro, apitar a suposta infração, o jogador se levanta, “na maior cara de pau” e disputa o resto da partida sem problema algum. Nossos atletas do futebol, constantemente tentam detectar se estão sendo observados ou não pelo juiz, para fazer a jogada ilegal e mesmo agredir covardemente o colega de profissão. O principal problema, é que são esses esportistas, com atitudes de caráter ostensivamente deplorável, que são os heróis da juventude, como também dos adultos aficionados pelos seus times. Isso sem falar nas tribos que se matam nas calçadas do entorno dos estádios.

E imaginar que o esporte foi pensado, dentre outras funções, exatamente para dar vazão à impulsos de violência, e produzir a paz, através de contendidas leais, justas e com pouco risco de lesão corporal, em se comparando a uma batalha.

Em contraste, há cada vez mais exemplos destoantes deste padrão de ensejar “a vitória a qualquer custo”. No futebol europeu, o conhecido fair play, já nem é motivo de destaque, afinal não faria sentido aplaudir a honestidade, a correção e a atitude assentada nos valores humanos.

Vale aqui lembrar de um episódio fascinante ocorrido em 2003:

Em um jogo entre as seleções da Dinamarca contra a do Irã, quase no final do segundo tempo, um atleta iraniano confundiu um apito da torcida com o do juiz, acidentalmente, pegou a bola com a mão. O juiz, não viu opção e marcou o pênalti. A Dinamarca perdia por 1x 0. O jogador Morten Hieghorst, após consultar o treinador da Dinamarca Morten Per Olsen, propositalmente chutou para fora. E o time perdeu o jogo ao invés de tentar empatar naquela cobrança de um pênalti desprovido de fundamento justo. Os valores humanos falaram mais altos que a regra do jogo e se isso vale na quadra não é difícil imaginar que estes princípios são, igualmente por eles,

aplicados para a vida. E diante de milhares de pessoas em todo o mundo, o atleta e o time deu uma lição de ética, para muitos inesquecível.

Neste sentido, acreditamos que seria muito interessante articular as equipes que tratam da questão da formação da cidadania, ou dos chamados “temas transversais”, buscando desenvolver em conjunto com os professores de Educação Física, todavia atentando para não descaracterizar a prática do esporte, ou a eficácia poderá se mostrar comprometida. O objetivo é fazer o jovem refletir, a partir do jogo e, o que é muito valioso: na prática, questões de mérito em relação às suas próprias atitudes e vivências. E indo mais longe, quanto à que tipo de sociedade que ele pretende ajudar a construir ao longo da vida.

Creio que o ambiente é muito favorável, os profissionais do magistério da Educação Física já costumam exercer uma liderança natural no alunado e, por isso mesmo, vale lembrar que suas atitudes, dentro e fora da escola, são bastante observadas pelos jovens. Eis aí uma enorme responsabilidade. Entretanto, temos convicção que muitos, ou de forma intuitiva ou por conta de seu embasamento acadêmico, já se utilizam dos valores humanos como norte de sua atuação e fundamento de sua conduta.

Evidente que é necessário aprofundar o tema com especialistas, diversos professores, equipes pedagógicas. Depois, numa eventual experiência, coletar e difundir experiências exitosas, propor abordagens, estratégias e até roteiros pedagógicos, incentivando, sistematizando e dando a devida ênfase à formação cidadã, através da prática esportiva como modelo de repensar as relações humanas.

Possivelmente este se mostre um bom caminho, difícil, porque em educação não há nada fácil. E, finalizando, um registro: não devemos esquecer da necessidade e da possibilidade, de integrar em momento subsequente, professores de outras disciplinas que abordam a questão da formação humanista dos estudantes, com estes docentes, que fazem da quadra esportiva, seu espaço privilegiado de desenvolvimento atitudinal em direção a uma sociedade melhor.